

QUE TIPO DE MERDA ACONTECE

Por Roberto Denser

GASPAR SE ENFORCOU COM UM CINTO de couro de jacaré da marca SUELDO'S, mas era o tipo de cara que jamais teria cometido suicídio. Quando acharam seu corpo, as duas primeiras coisas que observaram foi que ele havia morrido enquanto se masturbava, e que não aparava os pentelhos já fazia um bom tempo. Evidentemente, ninguém comentou nada sobre isso. A mãe, lutando para segurar as lágrimas, pegou um pano úmido e limpou o esperma seco na coxa do filho, depois lhe vestiu uma cueca limpa, um calção. A irmã, mais nova, quis fazer o serviço, mas a mãe não deixou. Normal, eu também não deixaria. O pai nada disse: nem antes, nem durante, nem depois do enterro. Ficou lá, calado, mergulhado num silêncio tão sólido que poderíamos pesá-lo se quiséssemos. Ninguém quis. A causa mortis ficou como suicídio mesmo, claro, e ninguém pareceu se importar. Gaspar não era católico.

No enterro, dei condolências, senti vergonha pela forma como ele havia sido encontrado, dediquei-lhe um brinde de dry martini e fui para casa fumando cigarros artesanais do oriente — um tipo que deixava minha boca com gosto de merda azeda e romã — e enquanto caminhava, pensava no quanto a vida era irônica. Ora, eu é que era o suicida da turma. Os dedos atrofiados incapazes de dedilhar uma guitarra novamente provavam isso.

Por que não morri quando tentei? Gaspar estava na minha o suficiente para adivinhar quando aconteceria, eis tudo. Chegou no momento certo, preparou torniquetes, chamou a emergência a tempo de livrar minha alma do inferno — como se tivesse treinado a vida inteira para aquela situação — e agora eu estava ali: sem força nos tendões, fazendo um esforço fodido para segurar a droga do cigarro árabe; e ele estava lá: encaixotado entre flores horrorosas e com uma cara de satisfação que beirava o ridículo. Que tipo de defunto era aquele, afinal? O tipo de defunto, bróder, que primeiro morreu a pequena morte, depois a grande, e tudo lhe parece maravilhoso, tudo nos eixos. É o tipo de merda que acontece quando ousamos improvisar, mexer com o que tá quieto ou desconsiderar um conselho materno do tipo não-faça-isso-ou-você-vai-se-dar-mal.

Pouco antes de chegar em casa, naquele dia, encontrei Luana. Cabelo pintado de rosa, maquiagem borrada, lembrava um panda: duas bolas pretas derretidas no rosto extremamente branco.

Ela voou em meus braços e me apertou com força, a cabeça se escondendo em meu peito enquanto as lágrimas molhavam minha jaqueta WWII USA Air Force Bomber, comprada na internet por 89 dólares americanos e a qual não largava em tempos de frio.

— Tudo vai ficar bem — falei. Mas era só o protocolo. Um suicida tentando convencer alguém de que a vida é maravilhosa e não vale a pena sofrer não é o tipo de coisa que faz muito sentido na maioria das vezes, mas naquele momento ninguém além de mim iria se dar conta

disso — Tudo vai ficar bem, Lu.

Ela não respondeu, apenas continuou chorando e perguntou por quê.

— Por que ele foi morrer, porra? Por quê?

Respondi mentalmente que ele morreu porque tentara improvisar, não havia mistério, mas verbalmente repeti que tudo ia ficar bem.

— Vamos, vamos pra minha casa. Te preparo um chá quente e você se deita um pouco. Depois fumamos unzinho, que tal?

Ela continuou sem responder, mas eu sabia que agora o seu silêncio queria dizer sim, pois começamos a andar abraçados em direção à casa de quatro cômodos que divido com um gato angorá chamado Sancho. Lembrei que só tinha chá de hortelã — ela provavelmente não iria se importar — e retirei mais um cigarro de minha cigareira de prata: foi um calvário, e percebendo a dificuldade que eu tinha para mexer os dedos, ela tomou a cigareira, retirou um cigarro, colocou em minha boca, pegou o isqueiro no bolso do meu casaco e o acendeu. Meu orgulho ficou ferido, claro, mas agradei com os olhos, em silêncio, da mesma maneira como ela me agradecia por estar presente.

Voltamos a caminhar e logo chegamos em casa. Sancho não veio nos receber, continuou deitado no sofá como se ninguém houvesse chegado. Luana o expulsou de lá com um tapinha.

— Só tenho chá de hortelã — falei enquanto jogava o casaco no outro sofá e me dirigia para a cozinha. — Espero que não se importe.

— Tem álcool?

Olhei pra ela, mais uma vez em silêncio, encantado com o seu sotaque extremamente urbano, sua voz rouca, depois assenti e abri a geladeira, donde retirei uma garrafa de vodca.

— Você guarda a vodca na geladeira?

— Eu guardo tudo na geladeira, até açúcar, óleo e os livros do Bandeira.

Ela sorriu da minha rima improvisada, um riso forçado, depois viu o quanto eu era desajeitado com copos e garrafas e veio me ajudar. Seu humor parecia ter melhorado, pelo menos um pouco.

— Essa história do Gaspar me deixou fodida... Porra, tá frio! Acho que vai chover. Peguei a cigareira e a ofereci.

— Fede pra caralho, mas talvez ajude.

Voltamos para sala, liguei o DVD e coloquei uns vídeos dos Beatles. Ficamos calados, sem saber o que dizer um pro outro. Até que, em meio a Hey Jude, ela quebrou o silêncio e perguntou:

— Você o amava?

— Sim. Muito.

— Eu também.

— Por que você não foi ao enterro?

— Os pais dele não gostam de mim. Acham que ele começou a se picar por minha causa. Se eu aparecesse lá, eles provavelmente chamariam a polícia... O engraçado é que foi ele quem me ofereceu essa porcaria pela primeira vez.

Ela arregaçou a manga do casaco e me mostrou os picos ligeiramente inflamados, purulentos. Não pude deixar de sorrir.

— Que bela geração de fodidos nós somos.

— E vodca gelada nesse frio é uma merda.

— Pelo menos combina com os cigarros.

Antes que me desse conta, eu acariciava seus cabelos. Ela não tentou me impedir, mas também não pareceu muito à vontade com isso. Talvez fosse a circunstância, talvez fossem apenas os meus dedos entrevados.

— Você precisa lavar esse rosto — falei. — Não fica muito elegante com a maquiagem borrada.

Ela assentiu.

— O banheiro é ali naquela porta. Tem lenço umedecido lá, talvez ajude.

Ela foi ao banheiro e eu pensei em apertar um baseado, depois lembrei das minhas mãos e mudei de ideia. Estava ali, curvado, encarando os dedos atrofiados e com os olhos lacrimejando quando ela voltou.

— Eu deveria ter escolhido outra forma — falei, mais para mim do que para ela. — Uma que fosse eficaz o suficiente para que o Gaspar não tivesse chegado a tempo, ou pelo menos uma que não me impedisse de estirar o dedo médio pralguem filho da puta como sequela.

Ela não disse nada.

— Mas talvez eu quisesse ser salvo, talvez só estivesse precisando de um pouco de atenção. É o que dizem dos suicidas, afinal — dei de ombros —, não é?

— Você não vivia falando por aí que ia se matar. Pegou todo mundo de surpresa... Quero dizer, todo mundo menos o Gaspar.

Seu rosto estava vermelho e inchado, mas já não havia marcas de maquiagem.

— O Gaspar não dava uma fora, Lu. Não faço a menor ideia de como aquele filho da puta soube, mas...

— É... Sabe o que eu não entendo? Como você consegue. Quero dizer, por que não tentou de novo?

— Não tem muito mistério. Sabe como é: cortei os pulsos e sobrevivi, agora estou cagando, andando e assobiando o hino da bandeira. Chame de apatia, se quiser, mas eu prefiro chamar de magia pura. Minha filosofia desde então tem sido a filosofoda-se.

Ela sorriu e voltamos a ficar em silêncio. Começou a tocar Let it be e chover quase ao mesmo tempo, e então mergulhamos num estado apático de contemplação do nada. Éramos, cada um a seu modo, espécies de sobreviventes; e mesmo essa condição era temporária. Ela provavelmente se picará até o fim — há muito ultrapassara o limite de onde era possível voltar

atrás — e eu acabarei por escolher a mais covarde das possibilidades.

É o tipo de merda que acontece quando não se tem esperanças, quando não se tem motivos para lapidar no rosto um sorriso de plástico colorido e amar o outro tão somente para esquecer a nós mesmos. Quando não se tem nada em que se apoiar. O tipo de merda que acontece quando nos faltam motivos para cultivar a esperança vã de dias tranquilos.

— Tem dias que só Beatles salva — ela falou de repente e, silenciosamente, lhe cobri com meu abraço.

— É, Lu, é exatamente assim: tem dias que só Beatles salva.